Novo modelo para a ciência e tecnologia

Simon Schwartzman

Publicado em *O Estado de São Paulo*, 3 de maio de 1994

O modelo de ciência e tecnologia brasileiro ainda é em grande parte o da década de 70, que teve seu apogeu no governo Geisel, e veio se deteriorando progressivamente partir do governo Figueiredo. A ideia daqueles anos era que o Brasil vivia sob o cerco tecnológico das grandes potências, que negavam ao país os meios de defesa e as tecnologias necessárias para seu desenvolvimento econômico. Este cerco deveria ser rompido por grandes investimentos em altas tecnologias, sobretudo de natureza militar, e pela expansão da comunidade cientifica e tecnológica do pais. O resultado desta visão foi paradoxal.

A preocupação com os grandes projetos e as tecnologias de ponta impediram uma política tecnológica orientada para a capacitação técnica da base do sistema produtivo; enquanto a área cientifica teve o tratamento do "infant industries” a serem protegidas com subsídios e critérios relativizados de qualidade, longe dos rigores da competitividade internacional. Mais seriamente, os investimentos na pós-graduação e nas altas tecnologias não foram acompanhados de esforço similar para a melhoria do sistema educacional, das universidades às escolas de primeiro grau. Neste processo, houve muitas iniciativas de valor, e o Brasil foi capaz de desenvolver competência técnica e cientifica em muitas áreas, que são hoje um patrimônio importante a ser preservado. Mas, na medida em que o projeto de "Brasil Grande" se esvaia, a área cientifica e tecnológica se isolava, e se transformava cada vez mais em uma combinação de elefantes brancos tecnológicos, de um lado, e alguns milhares de pesquisadores desassistidos de outro, disputando com a saúde, o ensino e outros grupos de interesse os recursos mínimos para sua sobrevivência.

Se o antigo modelo está esgotado, a necessidade de um sistema de ciência e tecnologia competente é hoje major do que nunca. O "cerco tecnológico" dos países ricos, se ainda existe, não reside na negativa em ceder algumas tecnologias de potencial uso militar, nem no patenteamento de produtos e processos desenvolvidos em seus laboratórios e empresas. Ele

consiste, sobretudo, na incapacidade que o país tem de absorver o fluxo de conhecimentos disponíveis no sistema internacional, pelo baixo nível educacional de nossa população, e o baixo nível técnico de grande parte de nossa Indústria.

Ainda que patentes e segredos militares continuem a existir, o conhecimento técnico não é uma joia que se guarda em um cofre, que só se vende ou se transfere a peso de ouro, Ele é, sobretudo, uma potencialidade que reside na cabeça das pessoas e na cultura organizacional das instituições de ensino, de pesquisa e de produção onde elas trabalham.

O novo modelo de ciência e tecnologia de que o pais necessita é o oposto daquele implantado nos anos 70. Em vez de grandes projetos tecnológicos, a criação de mecanismos e estímulos para o desenvolvimento da capacidade de absorção de novos conhecimentos e competências pelo sistema produtivo como um todo (não é verdade, como se argumentava, que as tecnologias dos grandes projetos filtrem e se espalhem de forma significativa para o resto do sistema produtivo).

Em vez de uma comunidade cientifica protegida da competitividade internacional, padrões estritos de qualidade no apoio à pesquisa básica, aos cursos de pós-graduação e às bolsas no exterior. Em vez do isolamento, a criação de vínculos intensos entre as instituições de pesquisa, por um lado, e o sistema educacional, de outro. Em vez de grandes burocracias federais de planejamento centralizado, mecanismos descentralizados de decisão, baseados na participação ativa de produtores e usuários do conhecimento. Em vez de uma comunidade cientifica lobista e mendicante de recursos, profissionais estimados e valorizados por suas contribuições efetivas, não só ao Brasil do futuro, mas ao Brasil de agora.

Fazer esta transformação seria impossível se já não existissem muitos exemptos de iniciativas novas e promissoras, e um número crescente de pessoas empenhadas nesta tarefa inovadora. Este ano de transição política, em que se começa a vislumbrar a possibilidade de que o pais reencontre seus caminhos, é um bom momento para repensarmos também a questão da competência de nossa população e de nossa economia. Que propostas têm sobre isso os candidatos ao governo, que pensam seus partidos?